

# **O Interprete de Língua Brasileira de Sinais no Contexto da Escola Inclusiva: Focalizando sua Atuação na Educação Infantil**

## **Autores**

---

Bruna Mendes Bernardino

## **Orientador**

---

Cristina Broglia Feitosa de Lacerda

## **Apoio Financeiro**

---

Pibic

## **1. Introdução**

---

A surdez impõe dificuldades de acesso à linguagem oral e escrita e, isto interfere de maneira significativa na socialização e no desenvolvimento da criança. As comunidades surdas têm desenvolvido línguas de sinais que possibilitam comunicação e desenvolvimento, todavia tais línguas nem sempre são respeitadas ou incorporadas pelas comunidades ouvintes. Neste contexto, a educação dos surdos torna-se um desafio pelas dificuldades que impõe. Visando atender a condição lingüística especial dos surdos, a inclusão de crianças surdas em classes do ensino regular é proposta juntamente com a inserção do intérprete de língua de sinais. Assim, este estudo pretende conhecer mais detalhadamente o trabalho de intérpretes de língua de sinais que atuam na educação infantil.

Para que os alunos surdos possam se beneficiar da inclusão em escola regular, com garantias de que eles não fiquem cognitivamente limitados e socialmente isolados, é preciso que sejam feitas adaptações tais como: o ensino de Língua de Sinais por professor/instrutor surdo ou intérprete de Língua de Sinais, melhor formação de professores e funcionários, adaptações metodológicas, curriculares e de material pedagógico e ensino de Língua de Sinais para familiares entre outras medidas (Kelman, 2005).

Quando se insere um intérprete de Língua de Sinais na escola regular amplia-se à possibilidade de aprendizagem e aproveitamento dos conteúdos ministrados pelo professor, já que o aluno surdo poderá receber as informações em Língua de Sinais, assim o intérprete o mediador de relações estabelecidas entre aluno surdo e ouvintes. Outro aspecto relevante, é que o professor ouvinte pode ministrar suas aulas sem preocupar-se em como passar as informações em sinais, atuando normalmente na língua que tem domínio. Dessa maneira, abre-se a possibilidade de uma educação bilíngüe com a circulação de duas línguas no meio acadêmico: Libras e Português, com o surdo sendo valorizado em sua língua, através do intérprete que propicia seu acesso aos conhecimentos acadêmicos (Lacerda, 2003).

Todavia, a escola que os surdos precisam, defendida no Decreto Federal 5.626/05, e a escola real oferecida aos surdos ainda são bastante distintas. A escola que existe sempre foi monolíngüe e adaptar-se a uma proposta bilíngüe não é tarefa fácil, e por vezes não nem mesmo viável. Esse é o grande obstáculo do processo inclusivo dos surdos em salas de aula regulares, pois não basta um decreto para uma transformação efetiva das práticas e da realidade. A legislação pode induzir ações, mas elas só serão

eficazes se de fato a condição lingüística especial do surdo for compreendida e respeitada, e ações para a criação de uma efetiva escola bilíngüe forem implementadas (Lacerda, 2006).

## 2. Objetivos

---

Este projeto tem a finalidade de conhecer mais detalhadamente o trabalho de intérpretes de Língua de Sinais que atuam na educação infantil, propiciando aos alunos acesso aos conteúdos trabalhados, e favorecer seu desenvolvimento de linguagem. Destaca-se também, a necessidade de estudar a relação entre Intérprete e criança surda e as relações da criança surda com os ouvintes que são mediadas por esses profissionais.

## 3. Desenvolvimento

---

A pesquisa foi realizada em uma Escola de Educação Infantil da rede pública, com proposta de inclusão de crianças surdas assumindo a abordagem bilíngüe. Foram focalizadas duas salas de aula, que são aquelas que contam com a presença de crianças surdas e Intérprete de LIBRAS. As salas têm aproximadamente 15 alunos cada. A primeira sala é do Jardim I, com crianças de 4 a 5 anos, sendo 12 ouvintes e 6 surdas. A segunda é a sala da Pré-escola, com crianças de 6 a 7 anos, sendo 3 crianças surdas e 13 crianças ouvintes.

Foram entrevistadas 02 intérpretes. A intérprete que atua no Jardim I, Amanda (nome fictício para resguardar sua privacidade), trabalha como intérprete há dois anos nessa escola, sendo essa sua única experiência como intérprete. Aprendeu a LIBRAS no contato com a comunidade surda na igreja que freqüentava sem, todavia, ter realizado cursos formais para sua qualificação como intérprete. Tem 26 anos e pretende cursar Pedagogia.

A segunda, que atua na sala de pré-escola, desempenha o papel de intérprete há aproximadamente 9 anos. Trabalha, em outro período em uma escola como professora de classe especial para surdos e já participou de vários eventos regionais como intérprete. Tem 24 anos e cursa o terceiro ano de Pedagogia. Aprendeu LIBRAS no contato com surdos, pois trabalhou 8 anos em uma instituição especializada no atendimento à pessoa surda, e fez vários cursos de aperfeiçoamento em LIBRAS, sem contudo ter uma certificação oficial.

Para esta pesquisa, a técnica de coleta de dados adotada foi a de entrevista semi-estruturada, com algumas perguntas pré-determinadas, porém abertas, buscando favorecer o aspecto dialógico no momento da entrevista (anexo o roteiro de perguntas), a qual dá condições ao entrevistado de discorrer livremente sobre o tema que lhe é proposto. A entrevista representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados, e se constitui como uma das principais técnicas de trabalho em quase todos os tipos de pesquisa utilizados nas ciências sociais. Segundo Minayo (2000), na entrevista podem ser obtidos dados que se referem diretamente ao indivíduo entrevistado, isto é, suas atitudes, valores e opiniões, dados estes que só podem ser conseguidos com a contribuição dos atores sociais envolvidos.

As entrevistas ocorreram no próprio ambiente de trabalho, devido à falta de disponibilidade de tempo das entrevistadas. Elas foram áudio-gravadas e transcritas integralmente, buscando retratar as angústias e anseios de falar sobre certos assuntos, sendo fiel a produção oral.

Para realizar a análise das entrevistas, uma das formas de dar visibilidade ao material coletado são os

mapas organizados a partir dos conteúdos e das categorias gerais presentes no material transcrito. Assim, os relatos foram divididos em trechos recortados das entrevistas, constituídos por uma ou mais palavras, expressões ou frases que reunissem em si um sentido pertinente a um certo conteúdo.

As categorias encontradas foram: “Criança percebe a diferença entre intérprete de Língua de Sinais e professor”, “Trabalho em parceria com a professora”, “Relação entre a intérprete e o aluno surdo”, “Domínio restrito de LIBRAS pelo aluno surdo e a necessidade do uso de estratégias especiais pelo intérprete de Língua de Sinais”, “Formação do intérprete de Língua de Sinais em serviço” e “Conhecimento da escola sobre a surdez e o conhecimento do ILS sobre a surdez” e para esta apresentação será dado destaque à relação entre o intérprete e o aluno surdo.

#### 4. Resultados

---

### Relação entre a intérprete e o aluno surdo

Trechos das entrevistas:

*AMANDA Primeiro eu adoro ser intérprete e ficar com as crianças. Estou com as crianças desde..., essa turma eu estou com eles desde o ano passado, eles estavam no maternal II e aí eles estão agora no Jardim I, então eles estão acostumados assim comigo, então eu fico meio mãe deles.*

*AMANDA: Ah, eu gosto, eles gostam. Às vezes ele vem, no começo eles não gostam de contato, não gostam que pegue, mas aí eu pego desde o começo do ano, já dou beijinho, já vou abraçando, aí eles começam a acostumar ser mais carinhosos, porque geralmente eles não gostam muito de contato... você pega eles ficam bravos, dá beijo eles limpam, mas aí você vai tendo uma relação de carinho com eles, aí eles vão voltando também, né.*

*JULIANA: Às vezes. Quando tem alguma atividade diferente, que é nova ou um conceito novo que eu sei que eles não viram, como agora que eles estão vendo adição, é uma coisa nova pra eles, então eu procuro deixar eles juntos porque facilita pra mim, porque eu sei que eu vou intervir na atividade, o que não é sempre que eu faço, eu procuro deixar eles fazerem sozinhos como os outros, a não ser que eles peçam, mas quando é uma coisa nova eu procuro colocar eles juntos. Às vezes eles estão... um não quer olhar pra cara do outro e vai cada um pra um canto, normal, assim, nunca foi imposto, assim “fique junto um do outro”.*

Os recortes revelam que a relação da intérprete com o aluno surdo, melhora com o passar do tempo, pois quando as crianças chegam à escola não gostam do contato, não sabem bem como se relacionar, dominam pouco a Língua de Sinais e precisam se acostumar com a escola e com novos amigos. As experiências familiares das crianças surdas filhas de pais ouvintes, em geral, envolvem um ambiente de maior solidão, de pouco interlocutores, ou de interlocuções muito ligadas apenas às situações concretas. A presença de um adulto que domina LIBRAS e que pode conversar com elas é algo novo e que precisará ser elaborado.

As intérpretes para se aproximarem das crianças parecem lançar mão de recursos como se aproximar e “*ficar amigas*”, que elas mesmas referem como complicados porque posteriormente geram confusão sobre limites (as crianças não obedecem) para as relações, e sobre qual é o papel daquele adulto naquele espaço (ameaça chamar a professora). O manejo destas situações parece complexo e aponta para a dificuldade de se delimitarem os papéis de cada um neste ambiente, as competências e a autoridade. Neste aspecto, os depoimentos deixam perceber o despreparo deste profissional para lidar com tais situações frequentes quando estão envolvidas crianças desta faixa etária.

As intérpretes relatam que são os alunos que escolhem o lugar onde querem sentar, desde que seja de frente para elas para facilitar o trabalho e para que as mesmas possam identificar se algum deles está desatento ou não está entendendo algo. Elas aceitam a vontade deles de não ficarem perto um do outro ou sentarem junto de outro colega que não seja surdo, pois esta relação vai sendo construída no convívio, e é inerente a uma proposta inclusiva, pois as crianças buscam proximidade com seus pares que no caso são todos os alunos da classe.

## 5. Considerações Finais

---

As crianças surdas que freqüentam a educação infantil, por serem ainda muito pequenas e filhas de pais ouvintes, não têm muitos conhecimentos anteriores sobre aspectos culturais e sociais, em geral por não compartilharem uma língua com seus pais, língua esta que possibilitaria trocas de informações e a aquisição de conceitos. Além disso, sabem poucos sinais por estarem pouco expostas a LIBRAS o que as coloca numa situação de atraso no desenvolvimento da linguagem e conseqüente defasagem na aquisição de conhecimentos em geral.

Elas também são pequenas/jovens como as demais crianças que freqüentam este nível de ensino e têm dificuldade em centrar a atenção, obedecer regras, entender aspectos da dinâmica da sala de aula, características comuns às crianças da educação infantil, que constroem estas capacidades na e com a própria vivência escolar.

É com esta clientela que o intérprete de LIBRAS precisa atuar. Assim, eles precisam interromper a aula muitas vezes para diremir dúvidas, explicar os conteúdos e conceitos individualmente, conquistar a atenção

das crianças, buscar sinais e formas adequadas de passar conteúdos na tentativa de construir com elas os conceitos almejados a partir das possibilidades que apresentam. Nesse sentido, o trabalho do intérprete se torna complexo e por vezes distorcido, pois apenas interpretar é bastante insuficiente.

Neste ambiente, o intérprete se desdobra para conquistar a atenção das crianças, para ganhar sua confiança e para colaborar na construção de uma língua comum que possibilite trocas mais efetivas e o melhor desenvolvimento geral possível. Mas para tal, muitas vezes, se aproxima das crianças de tal modo que sua função se confunde e as crianças parecem ter dificuldade em perceber a configuração do papel do intérprete (que de fato é múltipla neste ambiente), pois querem brincar, visto que é difícil para elas entenderem que aquele adulto que sabe LIBRAS e que pode se comunicar com elas não esteja sempre a sua disposição só para conversar e brincar.

Assim, esta pesquisa permite ver a dificuldade de atuação do intérprete neste nível de ensino, como ele precisa se desdobrar atuando mais na construção da língua e na construção de conceitos que propriamente como um intérprete. Diante desta realidade, defende-se que para a Educação Infantil seria melhor que a língua de instrução fosse a LIBRAS para que os alunos surdos não precisassem da presença do intérprete, e para que pudessem se desenvolver em sua língua. São crianças que ainda estão em aquisição de linguagem e construindo conceitos básicos e ter que fazer isto superando barreiras entre línguas (português/LIBRAS), barreiras estas inerentes a prática da interpretação, é certamente um obstáculo a mais para o seu desenvolvimento. Pretende-se ensinar em duas línguas – uma inacessível às crianças (português) e a outra usada apenas como instrumento para passar o que a professora diz (LIBRAS) – dificultando muito qualquer processo de aprendizagem.

É inegável que esta prática é melhor que aquela da inserção da criança surda na escola sem a presença da LIBRAS, porém o ideal da Educação Bilíngüe precisa pressupor o domínio da LIBRAS e a construção dos conceitos fundamentais nesta língua, e isto só pode ser alcançado em uma proposta de Educação Infantil na qual a língua de instrução seja a própria LIBRAS.

## Referências Bibliográficas

---

DECRETO LEI Nº 5.626/2005. 22 de dezembro de 2005. Brasília, 2005.

KELMAN, C.A. *Interações de alunos surdos com professores e colegas em espaço escolar inclusivo*. Brasília:Universidade de Brasília Instituto de Psicologia. 2005.]

LACERDA, C.B.F. de. *A escola inclusiva para surdos: refletindo sobre o intérprete de língua de sinais em sala de aula*. Roma: relatório científico de pós-doutorado apresentado à FAPESP. 2003.

\_\_\_\_\_. ***O intérprete de língua de sinais: investigando aspectos de sua atuação na educação infantil e no ensino fundamental***

. Relatório Parcial. FAPESP Proc 00443-3/05. 2006.

MINAYO, M.C.S. *O desafio do conhecimento*. São Paulo: Hucitec, 2000.